

Diplomata acusa Governo português de se preocupar mais com as sondagens

Embaixador dos EUA lamenta decisão de Portugal reduzir contingente no Afeganistão

11.2007 - 18h48 Lusa

O embaixador dos Estados Unidos em Lisboa lamentou hoje o anúncio de uma redução do contingente militar português no Afeganistão e acusou o Governo português de se preocupar mais com as sondagens do que com a segurança global.

"Fiquei profundamente preocupado quando soube dos planos de Portugal para reduzir os seus esforços em prol da jovem democracia afegã", disse Alfred Hoffman no seu último discurso num almoço da Associação de Amizade Portugal-EUA. O diplomata cessa funções diplomáticas em Lisboa no próximo sábado.

"Mas não posso dizer que fiquei completamente surpreendido, uma vez que os líderes europeus parecem mais intimidados pelas sondagens do que determinados a convencer as suas opiniões públicas de que combate contra os taliban devem prosseguir", acrescentou o embaixador.

A 31 de Outubro, o ministro da Defesa, Nuno Severiano Teixeira, anunciou no Parlamento a redução do contingente militar português na força da NATO no Afeganistão, actualmente de 162 militares, para uma equipa de 15 militares e um avião C-130 em Agosto de 2008.

Evocando a visita a Washington do primeiro-ministro português, José Sócrates, e "o agradecimento público do presidente George W. Bush por tudo o que Portugal tem feito na guerra contra o terrorismo e especificamente o seu empenho no Afeganistão", Alfred Hoffman disse-se "muito esperançado" em que Portugal reverta essa decisão. "Virar as costas aos afegãos neste momento da sua luta será o mesmo que os abandonar, assim como aos nossos princípios e à nossa própria segurança".

Em declarações à agência Lusa após a intervenção, o embaixador norte-americano disse ter dado conhecimento desta sua posição às autoridades portuguesas e ter recebido, como explicação, que Portugal "está a pensar mudar a natureza da sua presença no Afeganistão". "Eu consigo compreender isso mas a minha expectativa é que, quando decidirem substituir o contingente que têm, o substituam com um empenho equivalente de forças que permita preencher as necessidades no terreno, quer seja para operações de combate quer para a reconstrução do país", disse.

"Essa possibilidade ficou em aberto mas, para mim, deixar essa possibilidade em aberto não é o mesmo que dizer vamos substituí-los", concluiu.